



A propósito da Medicina Integrativa

João M. Videira Amaral

1. Ao longo do tempo, à palavra “Medicina” têm sido acrescentados diversos adjectivos ou expressões adjectivadas trazendo, quer diversas filosofias na prestação de cuidados de vária ordem, quer diversas atitudes e actuações profiláticas ou terapêuticas de acordo com experiências e certo grau de empirismo, ou com estudos considerados idóneos pela comunidade científica. Nesta perspectiva poderão ser mencionados exemplos de terminologias (a que correspondem diversos cenários da relação médico-doente) com que frequentemente nos confrontamos: medicina preditiva, preventiva, do trabalho, social, clássica, (convencional, tradicional ou alopática), tradicional chinesa, homeopática, paliativa, alternativa ou complementar, baseada na evidência, narrativa, integrativa, etc...¹

A propósito do que tenho lido e ouvido e, em parte, protagonizado, é minha intenção reflectir sucintamente neste espaço editorial sobre a chamada *medicina integrativa* (que associa práticas da medicina tradicional, classicamente ensinada nas universidades, com as práticas cientificamente comprovadas da chamada medicina alternativa ou complementar, criando-se um sinergismo). Trata-se, com efeito, duma área em franca expansão na Europa e Américas, com estudos publicados em revistas internacionais indexadas na PubMed, e sobre a qual a Organização Mundial de Saúde já se pronunciou.^{2,4}

2. A medicina alternativa/complementar (MA/C), integrando diversas modalidades e técnicas com indicações terapêuticas amplas, e baseando-se em conceitos filosóficos que correspondem a determinados estilos de vida, valoriza as ideias de que os médicos devem não só saber tratar, mas também saber cuidar, e de que o estresse psíquico influencia os sistemas nervoso, endócrino e imunitário. Desta última constatação nasceu uma nova disciplina (também em expansão) designada por psico-neuro-endócrino-imunologia.

Em MA/C a sofisticação tecnológica é muito variável: desde simples remédios caseiros, a produtos manufacturados complexos; estes poderão ser, ou altamente eficazes e seguros, ou ineficazes, perigosos e tóxicos.^{2,4,5}

A eficácia real atribuída à MA/C depende de diversos factores tais como a competência profissional e qualidades éticas de quem prescreve e pratica, e da idiosincrasia da pessoa assistida. Contudo, há um aspecto de grande relevância,

contribuindo de sobremaneira para o êxito de tal prática: as particularidades da relação médico-doente de quem exerce a MA/C, estabelecendo enorme empatia com o doente “preocupando-se mais com o doente que tem uma doença do que com a doença que o doente tem”, colocando-se na posição do doente, registando aspectos vividos para além da doença. Esta postura, que desmistifica o poder absoluto da ciência, coloca-se no campo da chamada “medicina narrativa”(MN) gerando afinidades que contribuem para a humanização do acto clínico em medicina tradicional ou clássica.^{6,7} Parece haver, pois, pontos de encontro.

Entre os diversos grupos e modalidades de MA/C, derivados da medicina tradicional chinesa, cabe salientar aqueles em que se comprovou cientificamente eficácia: a acupuntura, a osteopatia, a quiropraxia e os tratamentos biológicos farmacológicos, estes últimos já utilizados (com controvérsias devido a custos elevados) em doenças do foro reumatológico.^{4,5,8}

4. No seguimento do que atrás foi referido e segundo os especialistas, a medicina integrativa (MI) é “mais do que a soma da medicina convencional ou tradicional com a MA/C, no pressuposto (repito) de serem utilizadas as modalidades desta última em que a eficácia e segurança foram cientificamente comprovadas”. E diz-se “*mais do que a soma*” pelo facto estar implícita obrigatoriamente a dimensão bio-psico-social, espiritual e holística, considerando a pessoa assistida como um todo e uma relação médico doente humanizada.^{9,10}

5. Em 1970 já a Organização Mundial de Saúde (OMS) objectivou em comunicados e resoluções o compromisso de incentivar a nível mundial o desenvolvimento da Medicina Integrativa nos sistemas públicos de saúde, e em 2002 reafirmou a respectiva estratégia que teve seguidores na Europa e Américas; no Brasil e Argentina, segundo estatísticas recentes, foi possível obter uma redução de custos em saúde da ordem dos 12,5% por menor consumismo de medicamentos.^{4,5}

6. Na transição recente de século, registou-se nos Estados Unidos um facto: uma proporção crescente de cidadãos (33-55%) passou a socorrer-se da MA/C pelo facto de se ter gerado certa desilusão com alguma falta de resultados em saúde apesar do desenvolvimento da tecnologia que não satisfazia as necessidades daqueles. Nesta perspectiva, universi-

Correspondência:

João M. Videira Amaral
Director da Acta Pediátrica Portuguesa
app@spp.pt

dades de prestígio no Reino Unido, Israel e Estados Unidos (tais como Georgetown em Washington DC, Johns Hopkins, UCLA, etc.) passaram a incluir nos seus *curricula* programas educacionais conferindo competências aos seus graduados após avaliação, e reafirmando os valores humanísticos englobando o doente na perspectiva holística; ou seja, aplicando um conceito integrativo. O próprio National Institute of Health (USA) criou um departamento para a investigação neste ramo, aguardando-se entretanto os resultados de estudos aleatorizados e observacionais sobre as implicações da formação no âmbito deste ramo medicina.¹¹⁻¹⁵

7. Relativamente à incorporação da MI nos programas de educação médica pré e pós-graduada, e continuada, cabe citar a Academia Americana de Pediatria (AAP), titular duma revista periódica de cariz formativo e enorme interesse pedagógico - *Pediatrics in Review*. Excelente repositório de temas de actualização que aconselha aos internos de pediatria, em quase todas as edições traz um artigo subordinado à rubrica: *Complementary, Holistic, and Integrative Medicine*.¹⁶

8. Em suma, a propósito da medicina integrativa e da sua aplicação em Pediatria, a APP ficaria enriquecida com comentários, relatos de experiências ou análises críticas dos seus leitores. Está assim lançado o desafio.

Referências

1. Manuila L, Manuila A, Lewalle P, et al. *Dicionário Médico*. Lisboa: Climepsi Editores, 2011.
2. Lobo Antunes J. *A Nova Medicina*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos/FFMS, 2012.
3. Tartajada JF, Castell JG, Andreu JAL, et al. Medicina alternativa: mitos y realidades. *Acta Pediatr Esp* 1999; 57:505-14
4. Medeiros R, Lima PS. Acesso às terapias complementares cresce no Sistema Único de Saúde. *Einstein/Educ Contin Saúde* 2010; 8(4Pt2): 210-1.
5. World Health Organization. WHO Traditional Medicine Strategy 2002-2005. Geneva: *World Health Organization*, 2005.
6. Charon R. Narrative and medicine. *NEJM* 2004; 350: 862-4.
7. Lewis BE. Narrative medicine and healthcare reform. *J Med Humanit* 2011; 32: 9-20
8. Scheinberg MA. Biological therapy in inflammatory arthritis. *Einstein* 2008; 6 (Supl 1): S175-S7.
9. Johna S, Rahman S. Humanity before science: narrative medicine, clinical practice, and medical education. *Perm J* 2011; 15(4): 92-4.
10. Videira-Amaral JM. As Humanidades e a formação médica pediátrica. *Acta Pediatr Port* 2005; 36: 159-62.
11. Desylvia D, Stuber M, Fung CC, Bazargan-Hejazi S, Cooper E.. The knowledge, attitudes and usage of complementary and alternative medicine of medical students. *Evid Based Complement Alternat Med* 2011; 2011:728902. doi: 10.1093/ecam/nen075.
12. Maizes V, Schneider C, Bell I, et al. Integrative medical education: development and implementation of a comprehensive curriculum at the University of Arizona. *Acad Med* 2002; 77: 851- 60.
13. Kligler B, Maizes V, Schachter S, Park CM, Gaudet T, Benn R, et al . Core competencies in integrative medicine for medical school curricula: a proposal. *Acad Med* 2004; 79: 521-31.
14. Lesley R, Weil A. Integrated medicine: imbues orthodox medicine with the values of complementary medicine. *BMJ* 2001; 322: 119-120.
15. Gilmour J, Harrison C, Asadi L, Cohen MH, Aung S, Vohra S. Considering complementary and alternative medicine alternatives in cases of life-threatening illness: applying the best interests test. *Pediatrics* 2011; 128: S175- S180. doi: 10.1542/peds.2010-2720F.
16. Kemper KJ, Breuner CC. Complementary, holistic, and integrative medicine: headaches. *Pediatr Rev* 2010; 31: e17-e20.